

INDÚSTRIA

Pressão nos fornecedores faz subir preços



“É a inflação”, diz Aníbal Campos, depois de subir os preços da Silampos em 5% devido ao aumento das matérias-primas

Industriais enfrentam aumento de custos, e **consumidores já sentem o impacto**. EUA são uma preocupação

TEXTO MARGARIDA CARDOSO E SÓNIA M. LOURENÇO FOTO RUI DUARTE SILVA

Oba a pressão do aumento dos custos com as matérias-primas, a Silampos impôs uma subida generalizada de 5% nos preços da sua louça metálica de cozinha e admite novas subidas até ao fim do ano. “É a inflação. Até o fornecedor que faz as juntas de vedação das panelas de pressão, em silicone, já avisou que vai subir os preços”, diz o empresário Aníbal Campos. “Está tudo a disparar e a faltar, como numa economia de guerra. É cada vez mais difícil planear a produção, apesar de ter stocks, o que até dá alguma folga”, comenta o empresário, admitindo atrasos só compensados com ajustes de encomendas. “Se não temos panelas (tamanho) 22 para entregar, enviamos as 20”, explica.

Apesar de “atrasos que chegam a dois meses e saltos acima dos 30% nos preços dos metais”, “não faltam encomendas”, e o ano começou com a previsão de vendas nos €17,5 milhões, 20% acima de 2020, 12% acima de 2019. “Na Argélia até já dizem que pagam adiantado, para serem os primeiros a ser abastecidos”, refere o gestor, que também preside à AIMMAP, a associação da fileira metalúrgica, e que tem “colegas desesperados, a perderem milhares de euros por dia por não terem material para trabalhar”.

O quadro é comum a muitas empresas em Portugal e no estrangeiro, com os preços de matérias-primas e da energia em alta, estrangulamentos nas cadeias de valor globais, disrupção na logística, a par de uma procura a recuperar da crise pandémica. E a subida dos preços já chegou aos consumidores, com aceleração da inflação, sobretudo nos Estados Unidos, onde atingiu 4,2% em abril em termos homólogos, um recorde desde 2008. Excluindo energia (+25,1%) e bens alimentares, a inflação subjacente (uma referência para os bancos centrais) chegou aos 3%, valor que só tem paralelo recuando a 2006. Na zona euro, a evolução é muito mais moderada, com a inflação de abril nos 1,6%, puxada pela energia (+10,3%) e a inflação subjacente a abrandar pelo terceiro mês consecutivo, para 0,8%. E os valores em Portugal são ainda mais modestos.

Referências Multibanco para a sua empresa

Mas esta aceleração da inflação é temporária ou pode ser prolongada? A Reserva Federal dos Estados Unidos (Fed) e o Banco Central Europeu (BCE) têm encarado a questão como transitória, continuando a apoiar a recuperação da economia. Os números refletem o impacto do efeito de base, associado à hibernação da economia na primavera de 2020 por causa da pandemia e a medidas públicas de apoio (como a redução do IVA na Alemanha, já revertida).

EUA AQUECEM MAIS

Os economistas ouvidos pelo Expresso distinguem os EUA da zona euro. “A resposta orçamental à crise da covid-19 tem sido muitíssimo mais pronunciada nos Estados Unidos. A diferença fundamental virá daí, tal como a preocupação com a inflação será mais forte do outro lado do Atlântico”, destaca Pedro Brinca, economista e professor da Nova SBE. Ricardo Reis, economista e professor na London School of Economics (Reino Unido), aponta na mesma direção: “Grande parte do pacote de estímulos de Biden só chega daqui a uns meses, em contraciclo, aquecendo ainda mais uma economia em recuperação acelerada.” Acresce que a Fed “está tão comprometida com a manutenção de estímulos à economia que há dúvidas sobre a abertura para subir taxas de juro ou remover estímulos caso a inflação subisse de forma mais permanente”, frisa. “Admitimos que a subida da inflação nos EUA é temporária, mas os riscos de sobreaquecimento aumentaram”, aponta Paula Carvalho, economista-chefe do BPI.

Se a inflação continuar a acelerar, os próximos meses vão colocar os bancos centrais debaixo de uma prova de fogo

E Carlos Almeida, diretor de investimento do Banco Best, refere como exemplo a subida inédita do preço médio dos carros usados nos EUA, que superou os €25 mil em abril, 10% acima de março, 25% acima do mês homólogo de 2020, um recorde desde 1953. No entanto, ver a generalidade das matérias-primas a subirem 30% este ano ou 100% num ano é algo que replica a história dos ciclos de recuperação económica e as tendências de 1983, 1999 ou 2009, refere.

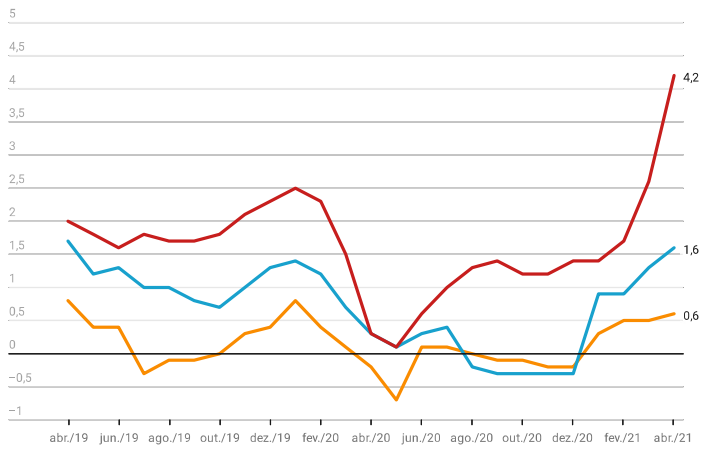
Paulo Rosa, economista sénior do Banco Carregosa, recorda que há empresas nos EUA “onde o pagamento por hora de trabalho já subiu 20%, e a economia está a crescer ao ritmo mais acelerado desde anos 80”, mas quanto à Europa “tudo funciona mais ao retardador. Basta pensar que do outro lado do Atlântico as pessoas já têm cheques para consumir, quando a Europa ainda está a concluir os seus Planos de Recuperação e Resiliência (PRR)”.

Em geral, os economistas concordam que a subida da inflação na zona euro é um fenómeno temporário e a partir de 2022 regressará a níveis mais contidos. Caso venha a revelar-se mais persistente, a necessidade de aumentar taxas de juro acabará por colocar o Banco Central Europeu (BCE) entre a espada e a parede, considerando “implicações orçamentais fortes devido ao nível elevado da dívida e à fragmentação dos mercados nacionais”, vinca Ricardo Reis. Pedro Brinca e Carlos Almeida assumem que a demora na transformação das decisões de política orçamental, via PRR, em gastos implica um hiato com riscos contrários, pela recuperação da procura ou pela destruição de capacidade produtiva, com redução do PIB potencial. E aí o estímulo orçamental pode ser excessivo e trazer uma subida de preços difícil de controlar. Certo é que os juros soberanos já estão a subir (ver pág. 4), e uma subida das taxas de juro num cenário em que as moratórias estão em fase final pode ser dramático para famílias e empresas, alertam os economistas.

No terreno, confrontados com o cobre a atingir recordes históricos e a subir 97% num ano no mercado de futuros, enquanto a madeira salta 283%, o milho 105% e o crude 104%, só para dar alguns exemplos, as empresas vivem o drama das margens de rentabilidade, “incapazes de refletir tudo isto no consumidor nesta fase, a par da falta de componentes”, como destaca Adão Ferreira, da AFIA, alertando que o quadro vivido no sector automóvel “está a agudizar-se e tende a piorar, com muitos clientes a encerrarem fábricas ou linhas por períodos variáveis e os produtores de componentes a terem de parar também algumas linhas”.

No caso concreto da Continental Mabor, uma das maiores exportadoras em território nacional, o presidente Pedro Carreira admite a dependência do andamento da indústria automóvel, compensada, em parte, pela exportação para a América e a Ásia e pelo ajuste da oferta. “mas ainda longe dos níveis de 2017-2019”. Para já, as dificuldades no abastecimento estão a ser ultrapassadas com recurso a stocks de outras fábricas do grupo e “no imediato não está previsto recurso ao lay-off”, diz, sem arriscar previsões para o ano, devido “à incerteza atual”, nem estimativas sobre o efeito das subidas dos preços, uma vez que “os acontecimentos são ainda muito recentes para termos uma perceção concreta do seu impacto”.

SEMANÁRIO#2534 - 21/5/21



Inflação na zona euro medida pelo Índice Harmonizado de Preços no Consumidor, em Portugal pelo Índice de Preços no Consumidor e nos Estados Unidos pelo Índice de Preços no Consumidor

Fonte: Eurostat, Instituto Nacional de Estatística e U.S. Bureau of Labor Statistics • Criado com Datawrapper



NEGOCEIE AÇÕES COM 0% DE COMISSÕES

INVISTA AGORA

*Para negociações mensais até 100,000 EUR

Os investimentos em instrumentos financeiros apresentam um risco elevado.



PUB

↑